SALMO 128: MONOGAMIA COMO ELEMENTO DA CRÍTICA SAPIENCIAL À MONARQUIA

Gerson Luis Flor

Se este amor
Ficar entre nós dois
Vai ser tão pobre amor
Vai se gastar
Se eu te amo e tu me amas
Um amor a dois profana
O amor de todos os mortais
Porque quem gosta de maçã
Irá gostar de todas
Porque todas são iguais
Raul Seixas

Introdução

A letra de Raul Seixas aí está para nos lembrar que falar em monogamia, hoje, sempre parece restringir, limitar, cercear a liberdade. Afinal, tanto a nossa cultura carnavalesca quanto a cartilha aculturadora hollywoodiana fizeram da liberdade sexual algo tão exaltado que qualquer opinião contrária é rotulada como retrógrada e pietista.

A questão é se isto é uma novidade de nosso tempo ou se já vem desde a Antigüidade. Talvez a única novidade real do nosso tempo seja a facilidade com que se divulgam tais valores e o seu poder de penetração na vida de cada pessoa. Afinal, o ser humano tem dentro de si, e isso não é novo, um insaciável desejo de provar o novo, o diferente, e de não satisfazer-se com o que já foi alcançado. E, nesta busca pelo novo, algumas pessoas estão em vantagem sobre as outras – quem pode, pode; quem não pode, se sacode. E geralmente ter é poder. Quem pode é aquela pessoa que tem: que tem poder, dinheiro, luxo e conforto. Em outras palavras, em uma sociedade estratificada, a poligamia sempre será um privilégio de quem é mais forte e, conseqüentemente, pode ter uma variedade maior de maçãs em sua cesta de frutas.

É nesta perspectiva que queremos propor uma leitura do salmo 128. Não tomando-o isoladamente para julgá-lo a partir de nossos parâmetros, mas como veículo de uma proposta endereçada ao seu tempo, em contrapartida à "família" monárquica. Para isto, partiremos de uma breve consideração da crítica à poligamia de Salomão em 1Rs 11,1-3, e a seguir analisaremos a proposta do Sl 128.

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

0228/09

Convém lembrar, porém, que quando aqui se fala em Salomão, fala-se pensando na figura do rei instalada a partir do seu reinado, seja quem for ele. Afinal, Salomão foi quem deu início ao processo que iria se agravando progressivamente nos séculos seguintes até culminar no caos social que antecede o exílio, em que grande parte da população camponesa foi levada ao empobrecimento. Tudo o que mais tarde será combatido pelos profetas do século VIII em diante é, simplesmente, conseqüência natural da política salomônica e, por isso, ele é aqui referido como ícone da monarquia israelita.

1. O projeto salomônico

Salomão foi o primeiro líder em Israel a nascer em berço de ouro, sendo criado na corte de um reino estabelecido territorial e hierarquicamente. Ele não viveu a luta do povo de Israel contra a opressão, seja a opressão egípcia, a opressão das cidades-estado cananéias ou a opressão militar filistéia. Não conhecia a obsessão das famílias, clãs e tribos israelitas pela terra, não como propriedade privada a ser possuída e ampliada, mas como bênção de Javé para que cada família em Israel tivesse meios para prover o seu sustento e viver em condições de igualdade, felicidade e paz. Seu projeto de governo não era o de transformar Israel em um reino de justiça e solidariedade, mas em um reino próspero e poderoso, respeitado internacionalmente.

Estas breves considerações sobre a visão de mundo de Salomão nos ajudam a compreender a sua postura nos pontos analisados a seguir.

1.1. Muitas mulheres, um filho

Em 1Rs 3,1 lemos que Salomão tomou por esposa a filha de Faraó. Roboão, seu sucessor, era filho de Naamá, amonita. Ao todo, teve Salomão 700 esposas e 300 concubinas. Certamente o número é arredondado e exagerado, mas não deixa dúvidas quanto ao fato de Salomão ter um harém extremamente numeroso, no qual "colecionava" esposas de diversas origens.

É interessante notar que o texto bíblico cita apenas mulheres estrangeiras como esposas de Salomão. Eram moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, além da egípcia filha de Faraó. Esta é provavelmente apenas uma rápida amostragem, podendo haver esposas de outras origens no harém real. O mais provável é que estas esposas eram "presentes" de reis vizinhos, tributados ou em aliança com Salomão. Muitas delas podem ter sido filhas de aristocratas ou parceiros comerciais, tomadas por conveniência quando do fechamento de acordos importantes.

Assim, pode-se dizer que Salomão nunca teve uma família propriamente dita. Teve um harém, que era apenas uma necessidade política que, é claro, dava ao rei o privilégio de escolher uma mulher para passar a noite como quem hoje escolhe, de controle remoto na mão, um canal de televisão para assistir. Neste sistema, a identidade da mulher é anulada. Cada esposa é apenas mais uma em meio a tantas outras. Algumas

formarão o grupo das prediletas, enquanto outras terão uma noite com o rei a cada cinco anos. O harém real torna-se, em termos de relações humanas, o lado mais cruel do espírito concentrador de privilégios da monarquia. Não há relacionamento pessoal, não há companheirismo, não há comprometimento mútuo. A verdadeira função do harém real é mostrar a glória do rei, sendo apenas parte de suas "riquezas".

Outra característica da "família" real que a distingue das demais é a importância dada aos filhos. Embora tivessem muitos filhos[1], os reis de Israel não pareciam dar tanta importância a isso. Aliás, a quantidade de filhos gerava muitos problemas, como disputas pelo trono e intrigas palacianas. O importante era gerar pelo menos um filho homem apto para herdar o trono e assegurar a continuidade da dinastia. Se os reis tinham mais filhos, era para garantir que ao menos um deles preencheria os requisitos necessários para reinar. Quando mais do que um filho tinha essas qualificações e ambição, o derramamento de sangue era inevitável.

Esta lógica transparece nos relatos dos livros dos Reis e das Crônicas. Os reis possuem muitas mulheres e concubinas, que só são citadas por nome quando representam um acordo diplomático ou comercial importante (o mesmo vale para as filhas) ou quando mães do herdeiro do trono. Possuem também muitos filhos e filhas, mas só os que chegam ao trono são dignos de ser identificados.

Portanto, a "família" real vivia e existia em função do poder. O seu ideal era "muitas mulheres, um herdeiro". Muitas mulheres, para ostentar este poder; um herdeiro apto, para garantir a sua estabilidade. É esta lógica, em que as pessoas valem pelo poder e pelo *status* que proporcionam, que passou a ser cultivada nos círculos aristocráticos da corte israelita a partir da afirmação da monarquia. E é esta lógica que será confrontada pelo salmo 128.

1.2. Muitas casas, trabalho alheio

Quem casa quer casa, diz o ditado. Isto é porque a casa é o espaço onde marido e esposa encontram-se face a face, sem nenhuma interferência externa, para estabelecer as regras que norteiam o seu relacionamento.

Nesse sentido, não se pode dizer que o rei tenha uma casa. O palácio real não é um espaço familiar, e os aposentos do rei são claramente distintos do harém, onde ficam suas esposas e concubinas. Ao construir um palácio separado para a filha de Faraó, Salomão aumentou esta separação, mostrando que não havia interesse em um relacionamento próximo com aquela esposa. Mais tarde, construiria também santuários para o culto aos deuses de suas esposas, mostrando que sua política era realmente a de "cada um na sua".

1. Cf. 2Rs 10,1; 11,2; 25,7; 2Cr 11,14; 13,21; 18,21; 21,2-17; 24,3-27.

Além de evitar o convívio diário, a separação de espaços possibilitava também uma ostentação de grandeza. É o que se depreende da lista de palácios reais construídos por Salomão em 1Rs 7,1-12. Cada nova construção testemunhava a glória de Salomão, que se tornou proverbial[2].

Para a construção destes palácios, assim como para a construção do templo e das cidades fortificadas (1Rs 9,15s), Salomão tinha recursos e mão-de-obra à vontade. Para sustentar as despesas do rei, os tributos pagos pelos povos vassalos já não eram suficientes. A solução foi tributar o povo, dividindo o reino em doze distritos, cada um responsável pelo sustento da corte por um mês do ano. Se a mão-de-obra forçada dos cananeus não era suficiente para tantas edificações, também não havia problema: o próprio povo israelita foi submetido à corvéia. 1Reis 5,13-18 fala em 180 mil trabalhadores envolvidos na edificação do templo, uma massa de trabalhadores braçais jamais vista em Israel antes ou depois de Salomão.

Portanto, casa e trabalho também serviam como elementos da dominação do rei sobre o povo. A casa, enquanto testemunho sólido e visível da grandeza do poder real, sustentado com os recursos do tributo, e o trabalho enquanto forma de exercer o poder e viabilizar a construção de obras arquitetônicas que tornem este poder visível e temível.

2. O contraprojeto Salmo 128

2.1. Estrutura

O salmo 128, apesar de breve, consegue, em seus seis versos, estabelecer uma crítica de cada um dos quatro pontos abordados acima. Evidentemente, não é uma crítica aberta e declarada, mas se considerarmos que era expressa no contexto do culto, justamente por aqueles fiéis que, de todos os lugares do reino, vinham em peregrinação para o templo de Jerusalém, então o contraste com a realidade palaciana se torna revolucionário em seu conteúdo e profético em sua denúncia.

Observando a estrutura do salmo, podemos perceber como os temas estão relacionados:

		Pessoa do discurso	Membros
1	**Feliz** todo aquele **que teme a Javé**, *que* anda nos seus caminhos!	3ª	A
2	Do trabalho *conforme* tuas mãos, portanto, comerás, haverá **felicidade** e **bem para ti**.	2ª	B
3	Tua esposa será como a videira frutífera no aconchego do teu lar; **teus filhos**, como mudas de oliveira ao redor da tua mesa.	2ª	B'
4	Eis como **será abençoado** o varão **que teme a Javé**!	3ª	A'
5	Abençoe-te Javé desde Sião,	3ª	a
	para **que vejas *em* bem** *a* Jerusalém *todos* os dias de tua vida;	2ª	b
6	E vejas os filhos de **teus filhos**.	2ª	b'
	Paz sobre **Israel**!	3ª	a'

Nos versos 1-4, temos quatro unidades, sendo que a primeira e a última formam uma moldura em terceira pessoa que indica o tema central do salmo: a bênção de Javé aos que o temem e andam em seus caminhos. Esta é uma ênfase encontrada em vários salmos[3], que são muitas vezes considerados "salmos de sabedoria", pelo seu interesse na vivência cotidiana da fé e em abordar os problemas do dia-a-dia pela ótica da fidelidade de Javé. Estes salmos se caracterizam pelo dualismo *ímpios x justos*, no qual o que é afirmado a respeito da pessoa justa é negado à ímpia, e vice-versa. Assim, pela descrição que se faz da pessoa justa, pode-se concluir que acontece o contrário com a pessoa ímpia. É este recurso que permite que o Sl 128 critique o rei, mesmo que não o cite. Ao exaltar o estilo de vida oposto ao real, o salmista está rejeitando aquilo que ocorre em Jerusalém.

Por isso, os versos 2-3 são tão importantes neste salmo. Apesar de parecerem mera descrição adicional da pessoa justa, eles identificam quais as características da casa abençoada por Javé na visão do salmista e de quem recita o salmo. Estes versos estão escritos na segunda pessoa do singular e têm a forma de uma promessa.

Os versos 5-6 retomam a mesma seqüência dos versos 1-4, mas agora colocando Javé como sujeito. O salmista pede a bênção de Javé sobre cada participante da peregrinação e, enfim, a todo o povo de Israel enquanto povo que teme a Javé, e descreve esta bênção em termos de bem, descendência e longevidade.

2.2. Uma esposa, muitos filhos

O verso 3 escolhe uma situação oposta à descrita acima para apresentar o seu ideal de vida familiar. O salmista fala em "a tua mulher", singular, e "os teus filhos", plural, ao descrever a bênção de Javé. E a principal diferença do projeto do salmista está nos motivos pelos quais esposa e filhos são considerados bênçãos.

2. Cf. Mt 6,29. WITTENBERG, G.H. *King Solomon and the Theologians*, p. 12.

3. Cf. Sl 1; 19; 37; 49; 112; 119, etc.

O início do verso 3, por comparar a esposa do justo com uma videira frutífera, geralmente é entendido como colocando a fertilidade da esposa como a sua maior qualidade. A mulher é uma bênção quando gera muitos filhos. O erro desta interpretação está em desconsiderar que o termo usado para videira[4] nunca é usado para simbolizar fertilidade. Seu uso sempre implica a produção de uvas, das quais se faz o vinho, que sempre lembra alegria, festa, prazer. Escolhemos três passagens para ilustrar:

Jz 9,12-13 — Então, disseram as árvores à videira: Vem tu e reina sobre nós. Porém a videira lhes respondeu: Deixaria eu o meu vinho, que agrada a Deus e aos homens, e iria pairar sobre as árvores?

Is 24,7-9 — Pranteia o vinho, enlanguesce a vide, e gemem todos os que estavam de coração alegre. Cessou o folguedo dos tamboris, acabou o ruído dos que exultam, e descansou a alegria da harpa. Já não se bebe vinho entre canções; a bebida forte é amarga para os que a bebem.

Ct 7,8b-12 — Sejam os teus seios como os cachos da vide, e o aroma da tua respiração, como o das maçãs. Os teus beijos são como o bom vinho, vinho que se escoa suavemente para o meu amado, deslizando entre seus lábios e dentes. Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim. Vem, ó meu amado, saiamos ao campo, passemos as noites nas aldeias. Levantemo-nos cedo de manhã para ir às vinhas; vejamos se florescem as vides, se se abre a flor, se já brotam as romeiras; dar-te-ei ali o meu amor.

Os três textos acima utilizam a figura da videira sempre em conexão com seus frutos e, de forma especial, com o vinho produzido a partir deles. E o vinho representa respectivamente o prazer, a alegria e a paixão. Isso significa que o que se promete ao homem que teme a Javé é que a sua esposa será uma fonte de alegria, prazer e paixão dentro do "aconchego do lar", e não uma reprodutora fértil com a missão de povoar a casa. Ou seja, a esposa é uma bênção por causa do que ela, enquanto pessoa, é e proporciona, e não unicamente por causa dos filhos que gera. O mesmo, podemos concluir, deve valer também para o esposo, que não é uma bênção para a esposa apenas pelos filhos que gera, mas pelo relacionamento em que partilha o amor, a paixão, o prazer e a alegria.

Outro argumento em favor desta interpretação é que os filhos não são comparados com os frutos da videira, mas com mudas de plantas frutíferas que, portanto, oferecerão os seus próprios frutos/alegrias para a pessoa temente a Javé.

Resumindo, podemos dizer que aqui as pessoas são valorizadas não pelo poder, mas pela alegria e pela felicidade que proporcionam. A família abençoada

4. O termo hebraico גֶּפֶן, *géfen*.

por Javé é unida pelos laços do amor mútuo, pela felicidade compartilhada por todos os seus integrantes.

2.3. Uma casa, trabalho das próprias mãos

Sobre a casa já se aludiu acima. É o lugar onde a bênção de Javé é experimentada e compartilhada. Lugar onde se revela nossa verdadeira identidade – aquela que não pode ser mascarada pelo poder, pois onde este se impõe a alegria se acaba. Para quem teme a Javé é prometida uma casa onde a felicidade, e não o poder, é a base. Por isso, não há ali necessidade de ostentação, mas a possibilidade de ver na simplicidade do relacionamento familiar a mais valiosa bênção concedida por Javé.

Ostentação também não é o objetivo do trabalho, segundo o salmista. O que se promete não é uma riqueza invejável e excepcional, mas o que é necessário para uma vida digna – comer e estar bem, o suficiente para que alguém se considere feliz. Para isso não é necessário apropriar-se do trabalho alheio. Pois o importante na promessa é este detalhe: é do fruto do trabalho de tuas mãos que Javé garantirá o teu alimento, bem e felicidade. Apropriar-se do trabalho alheio torna-se não só uma violência contra essas pessoas, mas uma falta de confiança na bênção prometida por Javé. Os filhos, é claro, participam deste trabalho, mas também desfrutam do mesmo, e por isso não têm sua força de trabalho explorada, mas somada à de toda a família para o seu sustento.

3. Conclusão

O amor e o poder – são eles compatíveis? Talvez não sejam auto-excludentes, mas, como Jesus Cristo nos ensina no Evangelho de Mateus, ninguém pode servir a dois senhores. Portanto, somente um dos dois pode ser a base sobre a qual alguém constrói as suas relações. E isto mostra o quanto a discussão levantada pelo Sl 128 gira em torno do tema da idolatria. A pessoa temente a Javé assume o projeto do amor, aceitando receber a bênção de um lar onde a felicidade é compartilhada através de relações humanas e toda forma de apropriação do que é alheio com fins de acúmulo para si é rejeitada.

A pessoa que escolhe o projeto baseado no poder, conseqüentemente, escolhe o oposto. Elege-se a si mesma como fim último, e todas as relações construídas serão valorizadas enquanto úteis para gerar, manter e exercer o poder. Este poder egocêntrico usa o acúmulo e a concentração de excedentes como pressuposto natural do exercício do poder, e evidentemente enxerga neste acúmulo a bênção divina. Para o salmista, porém, isto significa rejeitar o caminho de Javé, trocando-o por projetos humanos e, portanto, idolátricos.

No contexto do salmo 128, a relação familiar é escolhida como sinal desta opção por um projeto ou outro, por Javé ou pelos ídolos. A monogamia é apresentada como esfera de exercício da sexualidade conjugal em que a felicidade é experimentada

através de um relacionamento íntimo e de fidelidade mútua, assim como deve ser o relacionamento entre a pessoa e Javé. É neste relacionamento que a pessoa torna-se verdadeiramente abençoada, e torna-se também ela uma bênção para os que estão em relacionamento com ela, além de permitir que a bênção de Javé se estenda a toda a comunidade de Israel, ao abrir mão de apropriar-se do trabalho alheio.

Ao lermos este salmo, devemos ter o cuidado de não o tomarmos como modelo universal, em que todos devem se espelhar. Como lembra H.-J. Kraus, o salmista não está preocupado em formular uma doutrina da sexualidade, mas, sim, em descrever como, na sua ótica, Deus abençoa os que nele confiam[5].

A sexualidade muitas vezes passa ao largo das discussões do povo de Deus sobre temas como idolatria, exclusão e poder. Pois no Sl 128 temos um exemplo de como também a nossa sexualidade pode se tornar um pilar da nossa vida de testemunho e fé. Para Deus, sexualidade não é tabu. Ao contrário, é uma bênção a ser desfrutada dentro de uma relação baseada no amor. Não no amor ao poder, mas no poder do amor. Amor que se doa, reparte, com-partilha. Como o amor que Deus nos demonstrou em Cristo Jesus.

Bibliografia

ALBERTZ, Rainer. *A History of Israelite Religion in the Old Testament Period*. Trad. John Bowden, Louisville: Westminster/John Knox, 1994, 2 vols.

CONTI, Martino. *Presente e futuro dell'uomo nei Salmi sapienziali*. Roma: Antonianum, 1998.

KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*. trad. Constantino Ruiz-Garrido, Salamanca: Sígueme, 1995, v. 2.

SCHÖKEL, Luis Alonso e CARNITI, Cecilia. *Salmos*. Estella: Verbo Divino, 1992, v. 2.

WITTENBERG, G.H. *King Solomon and the Theologians*. Pietermaritzburg: University of Natal, 1988.

Gerson Luis Flor
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo, RS
ggflor@email.com

5. KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*, v. 2, p. 676.